



NOTICIAS INTERNACIONALES AL 21/09/18

BRASIL	2
Precio del novillo en su mayor nivel desde diciembre de 2016.....	2
Reducidos márgenes en el sector mayorista	2
Exportaciones de carnes refrigeradas alcanzan récord en agosto	2
Eliminan derecho de exportación sobre cueros salados y wet blue.....	2
CNA opinó que gracias a ello mejorará la cotización del ganado	3
Realizaron video conferencia con autoridades sanitarias de RUSIA.....	3
Faena de bovinos aumentó 4 por ciento en el segundo trimestre de 2018. Empujaron las hembras	3
Exportaciones de hacienda en pie: elevada en agosto.....	4
URUGUAY	5
Precio del novillo gordo sigue sin encontrar el punto de equilibrio	5
Doble récord: Uruguay exporta vacunos en pie e importa carne como nunca	5
Avanza certificado sanitario para Japón.....	5
Stock ganadero: 11.7 millones de cabezas.....	6
Fuerte caída en el stock de novillos.....	6
Luz amarilla en la ganadería: empate en producción de terneros y caída en la producción de novillos	7
Nos perderemos de ganar	7
Carlos Pagés: “La importación de carne ha destrozado al mercado interno”	7
Paros sindicales afectan operativa en la industria frigorífica	8
El novillo gordo debería valer menos de US\$ 3, dijo Marcelo Secco.....	8
PARAGUAY	9
Gremio pide bajar precio del ganado para competir	9
Aumentó exportación de carne.....	9
RUSIA levanta sanción de exportar a dos frigoríficos Frigochaco y Frigonorte.....	9
Mercado chileno, habilitado a pleno	10
Presidente del SENACSA informa que el mercado de ISRAEL sigue abierto.....	10
Más carne paraguaya a TAIWÁN, dice embajador	11
Paraguay busca apertura de Hong Kong y EEUU para su carne vacuna	11
UNIÓN EUROPEA	11
Acuerdo UE – Mercosur	11
No tiene credibilidad dicen productores irlandeses	11
Nuevas tratativas en Uruguay.....	12
Comisión Europea admitió que no hubo avances	13
BREXIT: aconsejan continuar prohibiendo el ingreso de carne de animales tratados con hormonas	13
Cuota 481- redistribución propuesta ocasiona tensiones	14
Resultados positivos después de un año del cierre del Acuerdo UE – Canadá (CETA)	14
ESTADOS UNIDOS	16
Cambios en la cuota UE amplían posibilidades para el acceso de EE.UU.	16
Exportaciones de carnes fuerte crecimiento en julio	16
USTR dispone nueva lista de derechos retaliatorios sobre productos procedentes de CHINA	17
Cueros bovinos afectados por la Guerra comercial con CHINA	17
VARIOS	17
AUSTRALIA: aumentan las exportaciones de carnes y animales en pie en 2017/18	17
IRAN importaciones de carnes bovinas crecen un 7 por ciento.....	18
CHINA: confirmó foco de AFTOSA	18
EMPRESARIAS	18
Minerva incrementará el capital en R\$ 1.100 millones.....	18
Un fondo de inversión saudí será el mayor accionista de Minerva Foods.....	19
Ejecutivos de National Beef viajan a Uruguay a visitar frigoríficos	19
Lanzan sello de calidad de raza Nelore do Golias	19
Bill Gates financia el desarrollo de una nueva vacuna contra la AFTOSA	20



BRASIL

Precio del novillo en su mayor nivel desde diciembre de 2016

Sexta-feira, 21 de setembro de 2018 - As altas consecutivas da cotação da arroba do boi gordo continuam e no fechamento da última quinta-feira (20/9) em sete praças pecuárias o preço melhorou.

Em Mato Grosso, a dificuldade de escalar boiadas para abate explica esse cenário. Nas regiões Norte de Mato Grosso e Cuiabá a cotação subiu 1,5% na comparação dia a dia. Alta de R\$2,00/@.

Em São Paulo, foram três dias consecutivos de alta e a melhoria foi de 0,3% frente ao fechamento de quarta-feira (19/9), com a arroba cotada em R\$152,00, a prazo, livre de Funrural, o maior preço nominal desde dezembro de 2016. Em setembro, as cotações subiram 3,4%.

As escalas de abate no mercado paulista atendem ao redor de quatro dias e com redução do abate diário. Os preços no mercado atacadista de carne bovina com osso também estão subindo. O boi casado de animais castrados ficou cotado em R\$9,97/kg, aumento de 0,3% na comparação diária.

Reducidos márgenes en el sector mayorista

Sexta-feira, 21 de setembro de 2018 Nos últimos sete dias, as altas de preços da carne bovina no atacado foram singelas, com média de 0,1%, mas considerando o período do mês, este comportamento comprova a firmeza do mercado.

O menor fornecimento de matéria-prima (boi gordo) é o fator que provoca as altas consecutivas no mercado atacadista de carne bovina.

Contudo, a receita obtida pelas indústrias com a venda da carne, derivados e subprodutos não tem reagido na mesma magnitude que os preços de compra do boi gordo.

Com isso, as margens se estreitaram. Atualmente a margem de comercialização dos frigoríficos está em 17,4%, valor três pontos percentuais abaixo da média histórica. Este é o menor patamar desde setembro de 2016.

Já a margem da indústria que vende a carcaça está em 15,7%, um ponto percentual acima da média histórica.

Mas para os próximos dias as expectativas são positivas, pois o abastecimento mais firme do varejo pode fazer com que a indústria recupere um pouco da margem perdida.

Exportaciones de carnes refrigeradas alcanzan récord en agosto

17/09/18 - por Equipe BeefPoint A quantidade de carne bovina in natura comercializada no exterior apresentou recorde mensal no resultado de agosto, com 144,42 mil toneladas negociadas, aumento de 17,6%, e de 13,5% de crescimento em valor (US\$ 590 milhões).

A alta foi registrada apesar da queda do preço médio (- 3,5%) no período, conforme o Boletim da Balança Comercial do Agronegócio divulgado pela Secretaria de Relações Internacionais do Agronegócio (SRI) do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) nesta sexta-feira (14). Os principais destinos foram a China, com 33,3 mil toneladas (+23%), e Hong Kong, com 26,6 mil toneladas (+18%) da carne bovina in natura.

As exportações do agronegócio, entre janeiro e agosto, foram de US\$ 68,52 bilhões (+4,7%). Essa elevação ocorreu em função, principalmente, do aumento do volume exportado, que subiu 3,8% no período analisado. As importações no setor apresentaram queda de 0,7% e totalizaram US\$ 9,47 bilhões no período. Como resultado, o saldo da balança comercial do agronegócio nos primeiros oito meses do ano foi de US\$ 59 bilhões.

O principal segmento exportador do agro continua sendo o complexo soja (grão, farelo e óleo). As exportações desses produtos, que somaram US\$ 25,79 bilhões entre janeiro e agosto de 2017, subiram para US\$ 31,25 bilhões entre janeiro e agosto deste ano (+21,2%).

Eliminan derecho de exportación sobre cueros salados y wet blue

19/09/18 - por Equipe BeefPoint

Ministros que integram a da Câmara de Comércio Exterior (Camex) referendaram nesta terça-feira (18) decisão do Comitê Executivo de Gestão (Gecex) de retirar o imposto de exportação do couro wet blue e do couro salgado. A decisão havia sido tomada no comitê em reunião do último dia 30 de agosto. E voltará a ser discutida no prazo de um ano.

O pedido de exclusão foi defendido pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), a partir de solicitação da Associação Brasileira de Frigorífico (Abrafrigo) referendada pela Sociedade Rural Brasileira (SRB), pela Confederação Nacional de Agricultura (CNA) e pela Associação Brasileira de Criadores (ABC).



No Mapa, o entendimento foi de que o imposto de exportação era distorcivo e que a melhor estratégia para o desenvolvimento da produção é a adoção de medidas que visem ganhos a todos os elos da cadeia, até o produto final. De acordo com a Secretaria de Relações Internacionais do Agronegócio do ministério, há disposição de dialogar com representantes do setor de forma a construir uma agenda estruturante que foque na melhoria do couro nacional.

Integram a Camex, Casa Civil, Secretaria Geral da Presidência da República, Mapa, Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços, das Relações Exteriores, da Fazenda, dos Transportes e do Orçamento e Gestão.

CNA opinó que gracias a ello mejorará la cotización del ganado

14/09/18 - por Equipe BeefPoint

A CNA disse que defendia o fim da alíquota de 9% e que atuou junto ao governo nos últimos anos para acabar com a medida, que prejudicava a competitividade da pecuária brasileira no mercado internacional e a renda do produtor rural.

O couro, que estava desvalorizado com a incidência do imposto, é um dos principais subprodutos do abate de bovinos e influencia na composição do preço da arroba. O produto é bastante exportado, principalmente para o mercado asiático.

O imposto sobre o couro wet blue foi criado em 2000 a partir de uma demanda da indústria de calçados. Entretanto, na avaliação da CNA, as exportações deste segmento hoje representam um terço do que eram na época da criação da alíquota, o que demonstra a ineficiência da sua aplicação.

Realizaron video conferencia con autoridades sanitarias de RUSIA

19 de septiembre de Rosselkhoznadzor en consulta y el Ministerio de Agricultura llevó a cabo un formato de videoconferencia, la ganadería y el suministro de Brasil con la participación de la Embajada de Brasil en Moscú.

Las partes discutieron las cuestiones de organización de la próxima inspección de las empresas rusas de procesamiento de pescado y los buques por los inspectores brasileños y concluyeron que la auditoría podría tener lugar a fines de octubre de este año.

En los próximos días, el Ministerio de Agricultura, Ganadería y Abastecimiento de Brasil enviará un Rosselkhoznadzor necesaria para la organización de una visita a Rusia y visitar los documentos de las zonas fronterizas.

Después de recibir esta información, Rosselkhoznadzor dará el lado brasileño de la actualización del programa de inspecciones, que debe incluir una estancia de la delegación en las regiones del Lejano Oriente ruso.

En conclusión, los representantes del Ministerio de Agricultura, Ganadería y Abastecimiento de Brasil destacaron su gran interés y disposición para llevar a cabo una inspección de las empresas rusas. Con un resultado positivo, se ampliará la lista de empresas que tienen derecho a suministrar productos pesqueros al mercado de alimentos de Brasil.

Faena de bovinos aumentó 4 por ciento en el segundo trimestre de 2018. Empujaron las hembras

No 2o trimestre de 2018, foram abatidas 7,72 milhões de cabeças de bovinos sob algum tipo de serviço de inspeção sanitária. Essa quantidade foi 0,2% menor que a registrada no trimestre imediatamente anterior e 4,0% maior que a do 2º trimestre de 2017, período afetado pela operação “carne fraca” (Gráfico I.1).

Apesar da redução no número de cabeças abatidas, a produção de 1,90 milhões de toneladas de carcaças (Gráfico I.2) representa um acréscimo de 0,7% em comparação com o trimestre imediatamente anterior e um aumento de 3,5% em relação ao 2º trimestre de 2017 (Gráfico I.2).

No 2o trimestre de 2018 o peso médio foi de 245,7 kg/carcaça, variação negativa de 0,5% em comparação com o 2º trimestre do ano passado. Por outro lado, houve aumento de 0,9% em relação ao trimestre imediatamente anterior. A elevação da proporção de animais machos abatidos, cujo peso de carcaça tende a ser maior do que o das fêmeas, contribuiu para esse incremento (Gráfico I.3). No período desta pesquisa, o peso médio das carcaças de bois foi de 282,5 kg, enquanto o das vacas foi de 205,4 kg.

Fêmeas puxam crescimento de 9% no volume de abate de bovinos neste ano

21/09/18 - por Equipe BeefPoint

O aumento do abate de fêmeas deve fazer com que o número de bovinos abatidos neste ano no Brasil chegue a 41 milhões de cabeças, um incremento de 9% em relação ao ano passado, projetou nesta quarta-feira (19) o sócio-diretor da consultoria Athenagro, Maurício Palma Nogueira.



“O abate das fêmeas que ficaram no rebanho deve fazer com que a maior produção aconteça neste ano. Em 2019, contudo, a menor oferta de bezerros deve fazer com que os abates atinjam 39 milhões de cabeças”, afirmou, durante a coletiva que apresentou resultados do Rally da Pecuária de 2018.

“Esse é um movimento de ajuste de rebanho, típico de virada de ciclo pecuário. Acreditamos que ele já esteja em alta, mas esperamos que a baixa entrará mais cedo também”, acrescenta o coordenador da expedição. De acordo com Nogueira, o número de animais confinados entre os entrevistados durante o rally cresceu 9,5% neste ano ante 2017, com estimativa de terminação em cocho de 890 mil cabeças.

“Acreditamos que o confinamento no Brasil deve aumentar de 400 a 500 mil cabeças, mesmo com um primeiro semestre ruim e com muitos confinadores grandes dizendo que não vão confinar”, diz. Ele projeta que o número de animais terminados em cocho no Brasil deve chegar a 5,5 milhões de cabeças

“Mas acredito que esse número está subestimado”, destaca. Ainda segundo Nogueira, as exportações de carne bovina também devem crescer neste ano entre 11% e 12% em volume ante os embarques do ano passado, para uma quantidade entre 1,9 milhões de toneladas e 2 milhões de toneladas.

“Mantemos nossa perspectiva de crescimento e esperamos que o volume possa fechar o ano próximo desse patamar, mas não muito maior do que isso.”

Ele explica que o ano começou com crescimento de 30% em volume nas exportações de carne bovina, mas tendo como base de comparação um início de ano muito ruim em 2017. “Tivemos uma compensação em julho, com recorde em receita, e em agosto, com o maior volume em toneladas métricas. A tendência, agora, é de que os embarques voltem aos patamares normais.”

A perspectiva positiva para a pecuária também leva em consideração que concorrentes como a carne de frango tiveram mais dificuldades no ano. “Mesmo que a economia não esteja boa, o frango sofreu mais com a greve dos caminhoneiros e com a relação de troca com o valor do milho do que a pecuária.” Ele ainda acrescentou que a valorização da moeda norte americana não tem impacto relevante nos preços da arroba, embora a mantenha firme e estimule as compras.

Produtividade

Os resultados da expedição mostraram que a produtividade da pecuária brasileira voltou a subir. Entre os produtores que fazem ciclo completo (cria, cria e engorda), o aumento médio foi de 23% ante 2017, de 8,3 arrobas por hectare ao ano para 10,3 arrobas por hectare ano. Em cinco anos a produtividade média do público do rally aumentou 17%. Esse aumento ocorreu ainda que os custos de produção tenham aumentado 22% no confinamento em 2018 em relação ao ano passado. “Esse incremento no custo é resultado da elevação dos custos de insumos – muitos deles precificados em dólar – e do milho.

“Estamos preocupados que os custos vão subir mais do que gostaríamos no ano que vem.” De acordo com o sócio-diretor da Agroconsult, André Pessôa, o câmbio deve prevalecer na formação do preço do milho, um dos principais insumos para a atividade. “Já sabemos o tamanho da oferta e da demanda. O que vai determinar é basicamente o câmbio, que depende do resultado das eleições”, destaca.

Ele acrescenta que a tendência é que se tenha estoques mais elevados com o recuo nos embarques o que, em tese, contribuiria para um cenário de baixa nas cotações. Tecnologia Conforme Nogueira, a expedição mostrou ainda que a margem dos produtores recuou, mas que o pecuarista manteve o investimento em tecnologias como melhora no manejo de pasto ou intensificação por meio de confinamento de animais, por exemplo.

“Percebemos que a pecuária caminha para produção focada em maior produtividade e um pacote tecnológico maior e passa a ser intolerante com um quem usa um menos tecnologia. A atividade está se aproximando da realidade da agricultura”, destaca Nogueira.

Conforme o diretor de relações com o pecuarista da JBS, Fábio Dias, por muito tempo a tecnologia foi associada a um produto mais caro, o que não condiz com a realidade na avaliação dele. “Para nós, a intensificação melhora a qualidade e a padronização do produto”, destaca Dias.

Exportaciones de hacienda en pie: elevada en agosto

Portal DBO - 12/09/2018 Número de cabeças embarcadas durante o mês foi 13,2% maior do que no ano passado

Em meio a debates sobre novas normas, a exportação de gado vivo se manteve em alta em agosto. Segundo dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC), foram exportadas 61.940 cabeças durante o mês, resultando no faturamento de US\$ 45,4 milhões.

Na comparação com o desempenho de julho, o volume exportado foi 21,5%. Já em relação a igual período no ano anterior, a alta foi de 13,2%.

Apesar da crise interna, a Turquia, continua sendo a principal compradora, importando 54.200 cabeças neste mês, 35,21% a mais na comparação mensal.

Outros compradores em agosto foram o Iraque, Líbano e Hong Kong, respectivamente.



O presidente da Associação Nacional da Pecuária Intensiva (Assocon), Alberto Pessina, disse nesta terça-feira, 11, que a exportação é o principal fator de auxílio para aumentar os preços na pecuária, como da carne bovina e da arroba do boi gordo. O executivo fez um breve discurso durante a abertura da 11ª edição da Conferência Internacional de Pecuáristas (Interconf), promovida pela Associação Nacional da Pecuária Intensiva (Assocon) em Goiânia, nesta terça-feira.

Para explicar melhor a agenda do setor, Pessina passou a palavra ao presidente da Comissão de Pecuária de Corte da Federação da Agricultura e Pecuária de Goiás (Faeg), Maurício Velloso, membro da chapa que integrará a próxima diretoria da associação, que está em vias de ser eleita.

O nome mais cotado para a presidência da Assocon é o de Sergio Przepiorka, dono do Boitel Chaparral, localizado em Rancharia (SP), um dos maiores confinamentos de gado do Brasil. Przepiorka não compareceu à Interconf por problemas de saúde e, caso não possa assumir a liderança da Assocon, seu possível substituto é Maurício Velloso.

URUGUAY

Precio del novillo gordo sigue sin encontrar el punto de equilibrio

Los valores para el novillo y la vaca siguen sin encontrar su piso. Los negocios por novillos gordos se concretan entre US\$ 3.15 y US\$ 3.20 por kilo para los mejores ganados, y entre US\$ 3.10 y US\$ 3.15 por el novillo de abasto. Para la vaca buena, el precio ofrece la industria va entre US\$ 3 y US\$ 3.05 y para la vaca liviana entre US\$ 2.95 y US\$ 3-

La oferta se resiste al ajuste de precios. La industria está demandando principalmente vacas pesadas. La demanda de novillos pesados es algo menor.

Para octubre está prevista la llegada de equipos kosher y se espera que pueda ser un factor de freno a la caída de los precios.

El mercado de reposición ha acompañado el ajuste del gordo; la semana faenal sigue siendo elevada

Doble récord: Uruguay exporta vacunos en pie e importa carne como nunca

Durante este año, al ritmo actual, se importará el doble de carnes en relación a los registros de 2017. Al terminar agosto se llevaban importadas 9858 toneladas de carnes bovinas. Casi cuatro veces más que en igual período del año pasado. Viene mayoritariamente de Brasil (85%) también algo del Paraguay (15%) e incluso marginalmente de Argentina – fueron 42.7 ton de cortes enfriados en agosto y septiembre últimos -. El precio promedio de importación fue US\$ 3.9 por kg, US\$ 0.40 mayor que el de exportación.

Otro récord es el de la exportación de hacienda en pie, En los primeros ocho meses de este año alcanzó 303.545 cabezas, casi el doble del total exportado en igual lapso de 2017 (155.230 cabezas) y sólo 28.814 cabezas menos que el total acumulado el año pasado (332359 cabezas).

Avanza certificado sanitario para Japón

17/09/2018 - Exportación de carne vacuna fresca uruguaya está cerca.

Los trámites para la reapertura de Japón para las carnes bovinas desosadas y maduradas, procedentes de animales nacidos, criados y faenados en Uruguay, están casi en su etapa final.

El director general de los Servicios Ganaderos (MGAP), Eduardo Barre, adelantó que se está discutiendo con las autoridades del Ministerio de Agricultura, Silvicultura y Pesca de Japón, el modelo de certificado sanitario que acompañará la exportación de carne hacia el país del sol naciente. “Estamos en el intercambio de los certificados sanitarios, discutiendo qué deben decir cada uno. Es un intercambio de temas técnicos, que ya están casi para finalizar”, destacó el jerarca del MGAP.

Una vez aprobado este paso, luego se pasará a discutir cómo se realizará la habilitación de frigoríficos, puesto que Japón no compra carne bovina fresca en Uruguay desde 2000. En esa fecha se registró la epidemia de fiebre aftosa que afectó al departamento de Artigas —Uruguay logró una regionalización del problema amparándose en el código de la OIE—, pero aún así Japón cerró definitivamente el mercado, pues es país libre de fiebre aftosa sin vacunación y Uruguay debió recurrir a la vacuna para evitar la expansión de la aftosa.

Para Barre, lo más seguro es que las autoridades niponas envíen una misión para habilitar nuevos frigoríficos exportadores para carne fresca; Hoy hay plantas habilitadas para carne cocida y productos termoprocesados.

En paralelo, los Servicios Ganaderos también están negociando los nuevos requisitos para la exportación de carne a China (el nuevo protocolo sanitario). “Irán una misión en un mes, pero ya estamos teniendo intercambios y vamos a hacer un intercambio técnico sobre el protocolo”, adelantó Barre.

“Hay cosas sobre las que ellos tienen interrogantes y se las tenemos que explicar”, agregó el jerarca, estimando a la vez que, “en principio no habría mucho cambio, aunque hay cosas que está planteando China que son muy exigentes para lo que son las normas internacionales”.



Stock ganadero: 11.7 millones de cabezas

15/09/2018 - Con récord de faena y exportación en pie apenas cayó 3% y quedó en 11.732.201 cabezas en 2018.

La ganadería uruguaya perdió apenas 372.000 cabezas bovinas en un año (el stock cayó 3%) y cuenta hoy con 11.328.364 bovinos, con la el rodeo de cría, en total renovación.

La máquina de producir terneros está intacta y apuesta a crecer. Así lo están mostrando las cifras de la Declaración Jurada de Dicose, en un año que hemos tenido una faena de bovinos y exportación de ganado en pie que marcaron un nuevo récord.

Según los datos divulgados por el MGAP, donde el 60% de las declaraciones juradas de los productores correspondientes al cierre del ejercicio ganadero al 30 de junio fueron electrónicas y el resto usando el formulario papel, hay 4.265.213 vacas entoradas. En los últimos tres años el stock de vacas viene creciendo, con una mayor apuesta del productor a bajar la edad de servicio de los vientres.

Los toros son 174.079. Respecto a las existencias de novillos: los de más de 3 años son 484.053, los de 2 a 3 años: 663.578 y los de 1 a 2 años: 846.820. Las vaquillonas de más de 2 años sin entorar son 469.942 y las de 1 a 2 años son 1.182.473. En tanto los terneros y terneras son 2.761.695.

El ministro de Ganadería, Agricultura y Pesca, Enzo Benech, afirmó tras conocer los datos de Dicose y en el marco de la Expo Prado que “la exportación de bovinos en pie está abierta y seguirá así. No quiero discutir más eso. Quiero discutir cómo hacemos para tener más terneros”, afirmó.

El secretario de Estado consideró que la única forma de lograr una mayor producción en la ganadería es aplicando la tecnología que hay disponible y destacó el potencial que tiene Uruguay para generar tecnologías que apuntan a mejorar la cría y a transferirla en los predios. Los productores declararon el nacimiento de 2.515.302 terneros. La mortandad en bovinos alcanzó 259.504 cabezas y el consumo 42.433 cabezas.

A nivel de ovinos, las existencias son bastante similares a las del año anterior, con un rodeo está en 6.334.079 cabezas pese a restricciones como el abigeato, la predación de jaurías de perros y fauna salvaje.

En el ejercicio cerrado nacieron 268.091 corderos y también en ovinos la máquina de producción está intacta: hay 3.427.768 ovejas. El stock tiene 749.133 corderas y 392.504 borregas. La mortandad en ovinos alcanzó 375.382 cabezas y el consumo predial llegó a 457.562 cabezas, según las cifras de Dicose.

El rodeo lechero muestra una caída importante en las vacas en producción. Se declararon 326.075 cabezas; 118.564 vacas secas.

Fuerte caída en el stock de novillos

19/09/2018 - Se precisa aumentar la producción de terneros en el futuro.

Las cifras de la Declaración Jurada de Dicose 2018 están mostrando una caída pronunciada en el stock de novillos. Los de 1 a 2 años bajaron 14,2% en un año y los de más de 2 años cayeron 15,4%.

En el primero de los casos pasaron de 987.300 a 846.800 entre 2017 y 2018. En el otro bajaron de 1.355.700 a 1.147.600 en las mismas fechas de la comparación anterior.

A nivel general, el stock de vacunos cayó 3,4%, quedando en 11.328.400. Fue consecuencia de una tasa de procreos baja, de un menor porcentaje de vacas en la faena, un incremento en la industrialización de vaquillonas (23%) —producto de la cuota 481— y de un aumento fuerte en los últimos dos años de la exportación de terneros en pie. Al cierre del último ejercicio ganadero salieron 363.000 cabezas con destino a Turquía —es el principal mercado comprador—, pero también se exportó a China.

Con una mayor extracción y una tasa de procreos baja, el stock no crece.

La Consultora Apeo analizó los números y publicó en Twitter que el país tiene “el menor stock de novillos y la mayor área de pasturas intensivas de los últimos 44 años”. Y analiza: “si se sostiene el récord en la superficie de pasturas intensivas ¿eso puede traer consecuencias negativas en la industria y en la cadena si se confirma el descenso en la carne exportada a causa de la presión exportadora de Argentina, Brasil y Paraguay?”, se preguntó.

El problema es que la ganadería uruguaya “sigue sin incrementar su tasa de marcación” que permanece en el 64 %, por lo que “tenemos más terneros a causa de más vacas de cría y no por mejorar la eficiencia reproductiva”, reconoció Apeo.

En la última Declaración Jurada de Dicose el stock de terneros creció 2,3%, pasando de 2.700.500 en 2017 a 2.761.700 este año

A nivel de ovinos, el stock cayó 3,5%, se perdieron 227.000 cabezas. Fueron 6.561.500 cabezas en 2017 contra 6.334.100 de 2018. Son varios los desestímulos para el rubro ovino.



Luz amarilla en la ganadería: empate en producción de terneros y caída en la producción de novillos

20 de setiembre de 2018

El stock ganadero al 30 de junio de 2018 bajó por segundo año consecutivo y mostró una caída de 403.837 cabezas respecto al 2017, alcanzando los 11,328 millones de animales. El 86% de esa baja corresponde a novillos. La cantidad de novillos es la más baja desde que se tienen registros (1974), se ubicó en 1,99 millones, 348.587 menos que en 2017.

Los novillos de 1 a 2 años pasaron de 987.300 en 2017 a 846.800 este año, una caída del 14% y los novillos de más de dos años bajaron de 1,356 millones a 1,148 millones en la comparación interanual (-15%). Lo que indica una preocupación para la industria ya que la faena va a ser difícil de sostener en 2019 y 2020.

La elevada tasa de extracción -consecuencia de una faena sostenida en niveles elevados y una exportación en pie récord durante el ejercicio 2017/2018- y una tasa de procreo de 58%, dos puntos porcentuales por debajo del promedio de los últimos cinco años es lo que generó una disminución del rodeo vacuno.

El rodeo vacuno es cada vez más criador, fundamentalmente por la caída de los novillos, ya que el stock de vacas se sostiene. El stock de vacas de cría en 2017 -que fue récord en 4,29 millones de cabezas- bajó a 4,27 millones al 30 de junio de 2018. La producción de terneros fue de 2,762 millones, un aumento de 61.000 cabezas respecto al año pasado.

La cría tiene que dar un salto para que la exportación en pie y la actividad de la industria frigorífica convivan. El próximo dato de stock, el del 2019, seguramente esté signado por la sequía del verano, y los terneros serán los de las pariciones de este año. Por lo que se puede esperar una nueva caída en el stock vacuno en el 2019 lo que remarca la importancia del próximo entore que va a permitir recién a partir de 2020 una probable recuperación.

Nos perderemos de ganar

19 de setiembre de 2018 Por Eduardo Blasina

Los datos de stock vacuno y ovino son como para preocuparse. Nunca hubo tan pocos novillos, primera vez con menos de dos millones. Nunca hubo tan pocos ovinos, en una caída lenta pero persistente, nunca hubo tan pocas ovejas de cría. Será difícil recuperar el stock ovino.

Y del lado de la demanda está China, comprando todo lo que puede en carne, y los precios de la lana fina en niveles récord, y los de las lanas de menos de 28 micras en niveles interesantes.

Cuánto nos perderemos de exportar en carne vacuna en los próximos tres años por no tener los novillos que supimos tener? y cuánto nos perderemos de colocar en lana y carne ovina?

Los datos de stock son un reflejo de las expectativas. No se considera un buen negocio engordar novillos a pasto en Uruguay, mejor sacarse los terneros y novillitos chicos para los barcos.

No se considera un buen negocio tener ovinos en Uruguay para que sean robados o comidos por jabalíes o perros.

La tasa de destete no mejora. Las vacas de cría se mantienen en una cifra elevada- aunque cayó levemente también ese dato-, mostrando que el potencial para dar el salto productivo está.

Pero hay que lograr un cambio de expectativas simplemente para que se capte dentro de fronteras lo que los mercados están diciendo fuera de ellas.

Carlos Pagés: “La importación de carne ha destrozado al mercado interno”

20/09/2018 Aseguró que la gremial realizará planteos “muy contundentes” en la Junta del Instituto Nacional de Carnes (Inac).

El representante de la Asociación de Plantas de Faena del Mercado Interno en la Junta del Instituto Nacional de Carnes (Inac), Carlos Pagés, aseguró a Rurales El País que “la importación de carne vacuna, cerdo y pollo desde Paraguay y Brasil ha destrozado al mercado interno”. Y volvió a repetir: “Literalmente lo destrozó”.

Entiende que para habilitar la importación de carne se deben tener “puertas de vaivén” que permitan “igualdad de condiciones”. En la carne de cerdo por ejemplo, dijo que las compras de Brasil “acaba con los productores chicos y medianos” porque se importa de animales que “utilizan hormonas de crecimientos y antibióticos”.

“Vamos a tener que apretar la mano para todo tipo de carne importada”, comentó Pagés y agregó: “No por barato vamos a dejar que el pueblo consuma algo que no está acostumbrado”. Al mismo tiempo, dijo que “muchos lugares evitan dejar a la vista las etiquetas para no mostrar que el producto ofrecido es importado. Eso no está bien, no es bueno y el consumidor tiene el derecho de saber”.

Adelantó que la gremial “ha realizado y tiene por hacer planteos muy contundentes” que serán discutidos a nivel de la Junta del Instituto Nacional de Carnes (Inac). Una vez más remarcó: “La noticia es que la



carne importada destrozó al mercado interno y sin derecho alguno a que eso suceda. Es necesario hacer algo”.

Pagés hizo hincapié en la igualdad de condiciones y sin ellas “nada”. “Si nosotros tenemos carne libre de todo, no podemos permitir que entre carne al país que no tenga las mismas condiciones sanitarias a las nuestras”, dijo.

Paros sindicales afectan operativa en la industria frigorífica

20 de setiembre de 2018 La operativa en la industria frigorífica se verá afectada esta semana. Por un lado, los trabajadores de Frigorífico Pul definieron realizar un paro de 48 horas este jueves y viernes por reclamos vinculados al acuerdo colectivo. Y por otro, los funcionarios del Ministerio de Ganadería pararán su actividad el viernes a nivel nacional por la realización de una asamblea, y podrán verse afectados los controles oficiales.

La Asociación de Funcionarios de Ganadería, Agricultura y Pesca (AFGAP) realizará un paro de actividades de 24 horas a nivel nacional, por una asamblea que se llevará adelante ese día en Montevideo. En la asamblea se analizará el impacto de una reestructura planteada en el funcionamiento del MGAP, con 212 vacantes de trabajadores que no está previsto cubrir a partir del retiro de funcionarios, explicó Vicente Silvera, presidente de AFGAP, en contacto con el programa Tiempo de Cambio de radio Rural.

En la medida que se registre una mayor o menor adhesión al paro del viernes se verán afectados los controles ministeriales en las plantas frigoríficas.

En el caso del paro de los trabajadores del Pul, la medida responde a que los trabajadores que se encuentran en seguro de desempleo no accedieron a una canasta que corresponde a los empleados por acuerdo colectivo, señaló a Tiempo de Cambio de radio Rural Luis Muñoz, directivo de la Federación de Obreros de la Industria de la Carne y Afines (FOICA).

Consultado por Frigoríficos Las Moras, adelantó que este martes se firmó el acuerdo salarial entre trabajadores y la empresa. Y que está operando con normalidad.

Respecto a la operativa irregular en Frigorífico Rosario, manifestó que la actividad en la planta es variable por decisión empresarial, y que no responde un conflicto sindical.

El novillo gordo debería valer menos de US\$ 3, dijo Marcelo Secco

17/09/2018 El CEO de Negocios de Marfrig para el Cono Sur dijo que los precios de la región y los negocios propuestos por los mercados hacen difícil pensar el valor de novillo encima de esa referencia.

El CEO de Negocios de Marfrig para el Cono Sur, Marcelo Secco, aseguró a Rurales El País que el valor del novillo gordo “debería estar por debajo de los US\$ 3” en cuarta balanza. Teniendo en cuenta los precios de la hacienda en la región y en función de los negocios que plantean los clientes de exportación de Uruguay, “se hace difícil pensar que el ajuste en el valor de la hacienda se pueda ubicar por encima de los US\$ 3”, explicó.

El empresario contó que el “impulso exportador” de Argentina y Brasil con un tipo de cambio fuerte “nos viene cinchando el poncho”. Brasil, a modo de ejemplo, está ingresando a Europa con mucho corte congelado, provocando una depresión de los valores y quitando alternativas de comercialización por fuera de la cuota 481. En este contexto, “Uruguay está quedando descalzado con la región”, argumentó Secco.

Pese a que China “está operando y sigue siendo el principal cliente”, hay otros mercados como Israel que ponen foco en proveedores como Argentina a la hora de comenzar las negociaciones de precios. “Es un mercado bastante desafiador para Uruguay y más cuando un producto, como el argentino, se paga más y con un dólar tal cual está. Resulta una mejor ecuación económica para nuestra empresa”, señaló Secco.

La Caballada. El principal de Marfrig para el Cono Sur dijo que han tomado la decisión de “no faenar” durante esta y la próxima semana. Y agregó: “Al momento no tenemos horizonte de corte de actividad definitivo”. Contó que en septiembre se trabajó medio mes en función de tres variables: escasa oferta de hacienda, precios actuales en Uruguay comparado con la región y detenimiento de las cargas al mercado chino.

De tal modo que la empresa decidió enviar un número importante de operarios a seguro de paro para no generar stock y terminar obras necesarias en la planta, en función de todo esto “vamos a planificar cuándo retomamos la actividad” en el departamento de Salto.

Marcelo Secco explicó que en la primera semana de julio ingresó a puertos chinos un contenedor de carne que se detectó un mal empaque en 8,7 kilos de producto que iba en una caja. “El empaque primario estaba corrido y el cartón la carne. Es un error originario de la planta, se pagó el reclamo y se decomisó la caja”, sin embargo la semana pasada “llegó al ministerio un escrito donde se detiene la planta para entrar al país y se pide que se acelere el nuevo certificado sanitario”.



PARAGUAY

Gremio pide bajar precio del ganado para competir

19 de setiembre de 2018 | por devaluación monetaria de Brasil y Argentina

El gremio de frigoríficos cree que el precio del ganado debería bajar en nuestro país atendiendo la coyuntura regional con la devaluación monetaria en Brasil y Argentina, donde las cotizaciones de las reses se encuentran por debajo de las de Paraguay. La ARP dice que no hay motivos para reducir el precio.

El titular de la Cámara Paraguaya de Carnes (CPC), Juan Carlos Pettengill, espera que el precio del ganado en nuestro país se ajuste por la fuerte caída de los precios a nivel regional. Dijo que por la reducida cotización del ganado en Argentina y Brasil, el mercado cárnico de Chile prefiere las reses de estos países, que en la actualidad acaparan el mercado.

“No podemos competir ni con Brasil ni con Argentina, por la devaluación de sus monedas. Lo que les da un precio muy competitivo y desleal”, declaró a este diario. Señaló que la industria espera una “reducción drástica” del precio del ganado local para intentar competir con estos países de la región.

Preguntado si es posible disminuir el precio del ganado en nuestro país, contestó que se tiene que lograr. “O si no, Paraguay puede quedar fuera de los mercados. Sabemos que se registra una caída de la participación de Paraguay en Chile, que se da por el ingreso de Brasil y Argentina por una moneda favorecida y un animal más barato, lo que hace que (el mercado de la carne en Chile) sea para nosotros muy competitivo”, apuntó.

Preguntado si conversaron con el gremio ganadero, dijo que están en contacto con los productores y que no pueden estar ajenos a la coyuntura del Mercosur.

Consultado el presidente de la Asociación Rural del Paraguay (ARP), Luis Villasanti, respecto al planteamiento, respondió que los ganadores son tomadores de precios y “hasta el momento no vemos motivo por el cual tenga que bajar (el precio de) la carne”. “Hay que pelear para que se mantengan”, acotó. Indicó que nuestro país tiene que pelear siempre por la calidad de la carne y no por la cantidad. “Es cierto que Brasil está con un precio muy por debajo de lo que podemos pretender que vendan y es un mercado muy fuerte, con más de 200 millones de animales. Es una competencia muy fuerte. Esperemos tener cintura comercial y que los precios no bajen para beneficio de todo el país”, concluyó.

Aumentó exportación de carne

20/09/18 En los primeros ocho meses del año se exportó mayor cantidad de carne y derivados, comparando con el mismo periodo de 2017. Es la primera vez en lo que va del año que el informe señala un aumento, ya que en los meses anteriores no se habían alcanzado las cifras del 2017.

Datos preliminares de Senacsa respecto a exportación bovina señala que del 1 de enero al 31 de agosto último se enviaron al exterior 171.485 toneladas, generando ingreso por US\$ 743.879.939. En el mismo periodo, pero de 2017, se exportaron 170.837 toneladas, generando ingresos por US\$ 727.274.818. En cuanto a países compradores, Rusia sigue encabezando la lista de 36 países importadores de carne vacuna paraguaya, con 76.998 toneladas, seguido de Chile, 48.215; Brasil, 9.819; Israel, 8.070; Vietnam, 7.739; Taiwán, 4.371; Kuwait, 2.654, y el último en la lista es Palestina, con 5.003 kilos.

La carne porcina se exportó 2.002 toneladas, lo que generó un ingreso de US\$ 5.977.698. Rusia adquiere 98% de carne porcina de nuestro país, y Vietnam, el 2%. Con relación a la carne aviar, en los primeros ocho meses de este año se exportaron 1.945 toneladas, lo que permitió un ingreso de US\$ 2.694.434, siendo los principales compradores: Rusia, 48%; Vietnam, 22%, y Angola, 9% y otros.

RUSIA levanta sanción de exportar a dos frigoríficos Frigochaco y Frigonorte

08 de setiembre de 2018 La Federación Rusa comunicó ayer al Senacsa que levanta la suspensión para exportar carne vacuna a ese país a los frigoríficos Frigochaco y Frigonorte. Ambos fueron inhabilitados el 28 de junio último por haberse encontrado en la carne que enviaron restos de antibiótico oxitetraciclina.

La comunicación oficial llegó ayer al mediodía al Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal por parte del organismo sanitario de la Federación Rusa. La restricción se levanta tras una nueva verificación realizada en agosto pasado.

Rusia es uno de los principales destinos de la carne paraguaya, junto a Chile. Desde este año encabezó el grupo de países compradores de la proteína roja producida en nuestro país. Del 1 de enero al 31 de julio de este año la Federación Rusa importó 57.419 toneladas de carne bovina, lo que generó US\$ 208.591.376.

También Rusia compró en los primeros siete meses el 98% de la carne de cerdo exportada por nuestro país, y el 48% de carne de pollo.

La suspensión de ambas plantas industriales citadas se había dispuesto porque se detectó exceso en el uso del antibiótico oxitetraciclina.



La oxitetraciclina es un antibiótico muy común que utilizan casi todos los ganaderos. El medicamento se puede aplicar al vacuno como máximo entre uno a dos meses antes de la faena, para que ya no esté presente en la res cuando sea faenada.

A mediados de agosto visitaron el país dos técnicos sanitarios rusos para verificar las dos plantas. En esos días también visitó el Paraguay con motivo de la asunción del presidente de la República Mario Abdo, el director del Servicio Federal de Supervisión Veterinaria y Fitosanitaria de la Federación Rusa, Sergey Dankvert.

El presidente del Senacsa, José Carlos Martin Camperchioli, comentó ayer que la comunicación oficial llegó al organismo al mediodía. “Se levantaron las restricciones a Frigochaco y Frigonorte. La información llegó hoy (por ayer) al mediodía”, expresó.

Ahora se aguarda que la Federación Rusa levante la restricción de exportar a Frigorífico Concepción, suspendido ante una sospecha de triangulación de carne importada de Brasil. “Estamos en la espera de la habilitación de Frigorífico Concepción y esperamos que sea pronto”, manifestó el presidente del Senacsa.

Mercado chileno, habilitado a pleno

15/09/18 | tres frigoríficos suspendidos podrán exportar de nuevo

El Servicio Agrícola y Ganadero de Chile comunicó ayer al Senacsa que los tres frigoríficos inhabilitados a principios de año y que fueron inspeccionados a fines de agosto último están de nuevo plenamente habilitados para exportar carne vacuna a ese país. Se trata de Frigomerc, Ipfsa y Mussa.

El 23 de julio pasado dos técnicos sanitarios chilenos inspeccionaron las plantas de San Antonio, Guaraní y Frigonorte y luego fueron rehabilitadas. A finales de agosto último, otros dos técnicos del país trasandino verificaron Frigomerc, Ipfsa y Mussa, y ayer llegó la comunicación oficial de José Alfredo Herrera Rodríguez, jefe de la División Protección Pecuaria de Chile, al encargado de la Unidad de Asuntos Internacionales del Senacsa, Gerardo Bogado, para informar que las tres industrias inspeccionadas (Frigomerc SA, Industria Paraguaya Frigorífica SA/ Ipfsa y Frigorífico Mercantil Única de Servicios SA/Mussa) están plenamente habilitadas a exportar carne vacuna a Chile.

“En relación a estos resultados se informa que los establecimientos habilitados para exportar sus productos a Chile tendrán vigencia de habilitación de dos años a partir de la fecha de esta comunicación (14 de septiembre), lo cual será formalizada mediante una resolución de nuestro servicio”, expresa la nota.

Según informes brindados por el titular del Senacsa, José Carlos Martin Camperchioli, con la reapertura de los tres frigoríficos locales por parte del organismo chileno, el aumento de las exportaciones a ese mercado se situará en un 20% más sobre el total enviado durante el primer semestre de este año.

De enero a diciembre de 2017 Chile importó un total de 96.445 toneladas de carne de nuestro país. Esto, en términos de divisas, significó el ingreso de US\$ 438.194.999 al Paraguay.

Hasta ese entonces Chile se mantenía como el mayor importador de carne de Paraguay, seguido de Rusia. Luego de las inhabilitaciones de los seis frigoríficos nacionales dispuesto por el organismo sanitario chileno, Rusia se constituyó en el mayor importador de nuestra carne, seguido de Chile.

Presidente del SENACSA informa que el mercado de ISRAEL sigue abierto

09 de setiembre de 2018 | Israel seguirá importando carne vacuna de Paraguay pese al cierre de su embajada en Asunción, dijo el titular del Senacsa. Entre nuestros mayores compradores, ocupa el cuarto lugar.

El hecho de que el Estado de Israel haya decidido cerrar su sede diplomática en Paraguay como consecuencia de la decisión del gobierno del presidente Mario Abdo de trasladar de nuevo la sede de la Embajada paraguaya de Jerusalén a Tel Aviv, no impedirá que siga comprando carne vacuna de nuestro país, aclaró ayer el presidente del organismo de sanidad animal de nuestro país, José Carlos Martin Camperchioli.

“Esta situación no va a afectar la exportación de carne a Israel. Hasta julio de este año exportamos por valor de US\$ 34 millones a ese mercado (5902 toneladas), lo que significa el 4,8% del total de la proteína roja exportada”, señaló en el acto de inauguración oficial de la Expo Norte, en el campo de exposiciones “Nanawa”, de la regional Concepción de la Asociación Rural del Paraguay (ARP).

Además, el año pasado Israel importó de Paraguay un total de 11.384 toneladas de carne vacuna, lo que generó un ingreso de divisas de US\$ 55.334.000.

Cuarto país comprador

Este año Israel pasó del quinto lugar del ranking de mayores compradores de carne vacuna paraguaya al cuarto. Encabezan la lista de países importadores Rusia, Chile y Brasil, según los datos oficiales del Senacsa cargados el 31 de julio del presente año.

Martin comentó igualmente que enviaron notas al Estado de Israel y desde ese país respondieron que vendrá a Paraguay una misión de auditoría técnica y sanitaria el próximo 7 de diciembre a los establecimientos frigoríficos locales.



La misión, según explicó el titular del Senacsa, será para verificar el cumplimiento de los procedimientos de prevención de la industria cárnica.

Más carne paraguaya a TAIWÁN, dice embajador

12 de setiembre de 2018 La República de China (Taiwán) aumenta a 20.635 toneladas a partir del 2019 el cupo para la compra de carne paraguaya, según destacó ayer el embajador taiwanés en nuestro país, Diego Lin Chou, durante una visita a nuestro diario. El diplomático también resaltó que su país incrementa de 54 a 85 ítems los productos paraguayos que pueden exportarse con arancel cero a dicha isla asiática. La cuota de exportación de carne paraguaya permitida por Taiwán actualmente es de poco más de 10.000 toneladas, pero el volumen de compra depende del interés de los empresarios de esa República. Chile el año pasado fue el mejor comprador de la carne nacional con 96.444 toneladas, lo que generó un ingreso de 438 millones de dólares. Chou manifestó que su país seguirá apoyando al gobierno paraguayo con varios programas de cooperación, entre ellos el aporte de poco más de 70 millones de dólares que cada cinco años Taiwán entrega a nuestro país. En el cartismo el dinero se usó para casas sociales.

Paraguay busca apertura de Hong Kong y EEUU para su carne vacuna

20 de setiembre de 2018 El sector privado paraguayo apura la apertura del mercado de Hong Kong y EEUU para su carne bovina. El presidente de la Cámara Paraguaya de Carnes (CPC), Juan Carlos Pettengill, confirmó que solicitaron apoyo al canciller Luis Castiglioni para agilizar la apertura de ambos mercados.

Indicó que buscan la rehabilitación del mercado de Hong Kong tras haber cumplido con los pasos sanitarios exigidos y la verificación de plantas, pero con procesos que se encuentran estancados desde hace un año. "Vinimos a solicitar su ayuda y gestiones para ver qué podemos hacer para cerrar el círculo y habilitar la región administrativa de Hong Kong", expresó Pettengill, según el portal Última Hora.

En cuanto a EEUU, la intención es aprovechar el viaje de una delegación del Gobierno paraguayo a la sede de las Naciones Unidas, en Nueva York, para "acelerar el proceso de habilitación del mercado" en ese país, sostuvo.

Los plazos sanitarios ya se cumplieron y el Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal (Senacsa) realizó todas las gestiones, explicó. Según Pettengill, falta fijar una fecha para que inspectores del Servicio de Inspección y Seguridad Alimentaria (FSIS por sus siglas en inglés) viajen a Paraguay para verificar las plantas de producción de carne.

Estimó que Paraguay podrá estar exportando carne a Estados Unidos a fines de 2018 o a principios del 2019.

UNIÓN EUROPEA

Acuerdo UE – Mercosur

No tiene credibilidad dicen productores irlandeses

10 September 2018 EU - With EU Commission officials in Montevideo in Uruguay this week to reconvene the Mercosur trade talks, IFA President Joe Healy said the time has come for EU Agriculture Commissioner Phil Hogan to put his foot down and tell Trade Commissioner Malmstrom that "enough is enough".

Mr Healy said, "With major uncertainty over Brexit and only contempt being shown by Brazil in their failure to meet EU standards on imports, the time has come for Commission Hogan to shout stop on Mercosur."

Mr Healy said EU Commission President Jean Claude Juncker and Agriculture Commissioner Phil Hogan must deliver on their commitment to put Ireland first in Brexit and ensure that there is no Mercosur deal on beef while Brexit remains unsorted.

The IFA President said the Mercosur negotiations lack credibility and are taking place against a background where there are major political scandals and unrest in Brazil and economic meltdown in Argentina.

He said these are the big two Mercosur member states the EU are relying on to pull off a deal.

"Elections are set to take place in Brazil in October against a background of massive political corruption, deep economic recession and rising unrest," he said.

The IFA President said the economic collapse in Argentina has seen the currency devalue in the last 12 months from 20.25 ARS to the Euro down to 44.98 ARS last week. This is a devaluation of 125 per cent and shows how ludicrous it would be for the EU to agree to any type of a trade deal with such an unstable economy.

He said with this type of devaluation, Argentina could flood the EU with cheap substandard beef and other agricultural products. In addition he said the Brazilian real (BRL) has devalued by 33 per cent from 3.68 to 4.90 against the Euro in the last year and the Uruguayan Peso (UYU) has devalued by 12 per cent from 33.80 to 37.80 to the Euro.



IFA National Livestock Chairman Angus Woods said, "In view of the lack of progress on Brexit and our critical dependence on the UK market for beef exports, the EU cannot agree to increased beef imports from Mercosur."

Mr Woods said removing the UK market in Brexit would leave the EU beef market 116 per cent self-sufficient. "Increasing EU beef imports makes no sense whatsoever and the EU Commission should instruct Commissioner Malmstrom to withdraw beef from the Mercosur negotiations," he said. Mr Woods said Irish and EU beef farmers are also very concerned over reports of the EU Commission allocating more of the existing hormone free beef quota to the US. He said the question has to be asked what political promises are being made to other countries such as the Mercosur block or Australia for an increase in their quotas to accommodate this move with the US.

Nuevas tratativas en Uruguay

11/09/18 - por Equipe BeefPoint O Mercosul e a União Europeia retomaram, nesta segunda-feira (10), em Montevideu uma nova rodada de reuniões a nível técnico sem grandes expectativas de alcançar um acordo diante das diferenças que ainda persistem entre as partes.

As negociações voltam em um contexto muito diferente do anterior: o Brasil está às vésperas da eleição presidencial mais incerta dos últimos tempos, e a Argentina atravessa fortes turbulências econômicas.

Apesar da ansiedade manifestada pelo Mercosul para concluir o pacto comercial, fontes do governo do Uruguai –que exerce a presidência temporária do bloco, integrado ainda por Brasil, Argentina e Paraguai– indicaram que vão às negociações em busca de uma resposta à proposta entregue na última série de encontros em julho em Bruxelas.

Na ocasião, os negociadores europeus tinham mostrado uma atitude inflexível diante de uma oferta que o Mercosul levou "ao limite", segundo a negociadora uruguaia, Valeria Csukasi.

O chanceler brasileiro Aloysio Nunes também tinha afirmado, no mês passado, que o Mercosul esperava um pouco mais do bloco europeu, especialmente no acesso de carnes e açúcar.

Mas na semana passada, o comissário de Agricultura da UE, Phil Hogan, devolveu a bola ao outro lado dizendo que a UE "fez uma oferta clara e explícita" em janeiro, e que "os países do Mercosul atrasaram sua resposta" a esta oferta significativa.

Hogan foi contundente: "Se pretende-se concluir a negociação, o Mercosul deve cumprir os acordos relativos a automóveis e componentes, serviços marítimos, laticínios e indicações geográficas".

Do lado do Mercosul, dizem que os representantes da UE mudam a linha de chegada após cada esforço da parte dos sul-americanos, segundo uma fonte do governo uruguaio que pediu anonimato. "As condições da União Europeia estão em constante mudança", lamentou o funcionário.

Isso, apesar de o bloco já ter cedido em muitas de suas ambições iniciais, como afirmaram à AFP de diferentes áreas do Mercosul.

Welber Barral, secretário de Comércio do governo de Luiz Inácio Lula da Silva, quando as negociações foram reabertas em 2010, e atual assessor do governo brasileiro, concordou que o bloco não tem muito mais margem para concessões. "No setor automobilístico, por exemplo, cedemos sobretudo no momento em que a redução tarifária começará e chegará a zero", afirmou.

"Pode-se dizer o mesmo sobre vinhos e laticínios, que esperava-se excluir mas acabaram fazendo parte da negociação. Ainda que ceda em termos comerciais, a grande vantagem do Mercosul será institucional", avaliou, referindo-se aos elevados padrões de normas técnicas e a possíveis investimentos da UE.

Ignacio Bartesaghi, decano da Faculdade de Ciências Empresariais da Universidade Católica do Uruguai, concorda que o acordo previsto atualmente é muito diferente do que se vislumbrava quando teve início o processo, há quase 20 anos. "Temos que ser pragmáticos e entender que, embora se assine um acordo mais 'light' e com concessões, seria um grande avanço, até mesmo para estimular outras negociações em curso no bloco, como com a Coreia do Sul ou o Canadá".

Um dos temas mais espinhosos continua sendo o dos produtos agropecuários, como a cota de carne. Neste caso, a UE está disposta a conceder menos de metade das 200 mil toneladas almeçadas pelo Mercosul.

"Aspirava-se mais e insistiremos nisso. Mas sabemos que se chegar a hora e não houver uma melhora (da oferta) teremos que aceitar o que tiver e continuar trabalhando", disse Miguel Sanguinetti, presidente da Federação de Associações Rurais do Mercosul.

O presidente da Associação Rural do Paraguai, Luis Villasanti Kulman, faz coro: "Há uma posição unânime de aceitar e depois veremos. Tudo serve".

As principais centrais industriais dos países sul-americanos também expressaram seu apoio. No Brasil e na Argentina, os de mais peso, o acordo tem um sólido respaldo, apesar das mudanças aceitas em favor de avançar.

Thomaz Zanotto, diretor de comércio internacional da Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo), disse que "o Mercosul garantiu que nenhum setor industrial seja excluído como pretendido no



início”, por exemplo, laticínios ou vinho. Sua visão é que “interesses pontuais dos países da UE estão atrasando o acordo”.

Esse é o mesmo pensando vigente na CNI (Confederação Nacional da Indústria). Fabrizio Panzini, responsável pelas relações exteriores da entidade, disse: “Não somos um obstáculo, consideramos que o acordo é uma prioridade, mas temos que ter pontos de equilíbrio, especialmente em produtos em produtos que o Mercosul tem vantagens comparativas”.

A União Industrial Argentina e a Copal (Coordenação das Indústrias de Produtos Alimentícios), duas centrais empresariais importantes do país, também respaldaram a negociação;

Contudo, empresários e, em segredo, negociadores do Mercosul estão céticos de anúncios até o fim desta semana. Vários, com nostalgia, lamentam que o momento mais propício, em dezembro, tenha ficado para atrás. São poucos os que têm esperança de assinar o acordo ainda em 2018.

Comisión Europea admitió que no hubo avances

18/09/18 - por Equipe BeefPoint A Comissão Europeia (CE) comentou nesta segunda-feira (17) os “progressos limitados” alcançados em alguns setores comerciais durante a última rodada de negociações com os quatro países do Mercosul para fechar um acordo de livre-comércio. “Só houve progressos limitados em veículos e componentes, indicações geográficas, produtos lácteos e serviços marítimos”, informou o porta-voz da comissão Daniel Rosario.

As equipes negociadoras da Comissão Europeia e do Mercosul realizaram uma nova sessão de reuniões na semana passada em Montevidéu.

“O trabalho técnico seguiu em todos os assuntos em um ambiente construtivo”, indicou o porta-voz. “[A Comissão Europeia] segue comprometida com o objetivo de conseguir um acordo ambicioso, equilibrado e mutuamente benéfico com o Mercosul assim que houver todos os elementos necessários.”

O porta-voz lembrou que a carta de intenções enviada na semana passada pelo presidente da Comissão Europeia, Jean-Claude Juncker, ao Parlamento e ao Conselho (países) da UE, advertia que encerrar as negociações com o Mercosul é uma das principais metas a atingir antes das próximas eleições do Parlamento Europeu, que serão realizadas em maio de 2019.

Rosario descartou, além disso, que as próximas eleições presidenciais no Brasil irão afetar o calendário de negociações entre a UE e o Mercosul.

Após a rodada de negociações da semana passada, o chanceler uruguaio, Rodolfo Nin Novoa, disse então que o otimismo que tinha há “alguns meses” sobre a concretização de um acordo entre o Mercosul e a UE “já não existe” porque “começam a aparecer temas novos que dificultam as negociações”.

O chanceler reconheceu, além disso, que há situações políticas que também fazem as negociações ficarem mais complexas.

BREXIT: aconsejan continuar prohibiendo el ingreso de carne de animales tratados con hormonas

September 11, 2018 British consumers are warned their government may alter food safety regulations after Brexit, allowing U.S. and Canadian beef treated with hormones to enter the food supply. (Wyatt Bechtel)

British food policy experts are warning consumers a possible fallout from Brexit is that hormone-treated beef may be allowed to enter England's food supply. A report from professors at the University of Sussex and City, University of London, cautions British consumers that lifting a decades-long ban on beef raised with hormones would represent an unnecessary and unacceptable public health risk.

Erik Millstone, Emeritus Professor of Science Policy at the University of Sussex, and Tim Lang, Professor of Food Policy at City, University of London, co-authored the report, “Hormone-treated beef: Should Britain accept it after Brexit?”, which questions the safety of hormones in beef production.

According to Millstone and Lang, at least one hormone routinely used in U.S. beef production has been judged by the EU as a cancer risk, and they claim the available evidence on the five other hormones used in the U.S. is insufficient to judge their safety.

“There is a triple risk here: to health, to British beef farmers' livelihoods, and to the UK's ability to determine its own food safety standards,” Lang said. “Hormone use is a test case for whether the UK seeks a more sustainable food supply. Hormone use would be a stupid step towards intensive beef feeding lots.”

Contrary to the two British professor's claims, beef produced with hormones has long been deemed safe by the U.S. Food and Drug Administration, and even the World Trade Organization.

The European Union's ban went into effect in 1989, and under WTO rules, such bans are permitted if scientific evidence shows the ban is for health and safety reasons. Canada and the U.S. challenged the ban in the WTO Dispute Settlement Body, which ruled against the EU in 1997.

Yet, the British academics adamantly urge their government to keep the ban in place. They suggest, for instance, that if the UK's food standards were weakened in exchange for lower tariffs on steel, one effect will be that hormone-treated beef would enter the food supply. They also warn that such meat will not be labelled as such, keeping consumers “in the dark.”



The British academics' report recommends that:

After Brexit, the UK Government should ensure either that food standards remain fully aligned with EU standards, or that we adopt higher standards. Food standards should not be weakened, especially not sacrificed to facilitate trade in undesirable and/or unsafe products.

The UK consumer movement should strongly resist moves to weaken current levels of consumer protection as part of future trade deals.

UK food and farming industries should publicly commit themselves to producing and selling only beef from cattle never treated with synthetic hormones.

The retail industry (supermarket chains, independent stores and butchers) should advise their members, customers and MPs to tell the UK Government that they will not sell synthetic hormone-reared beef.

The UK Government should explicitly acknowledge that any weakening of UK food standards, such as permitting the sale of hormone-reared beef, will result in barriers to UK food companies wishing to export their products to the EU's Single Market.

Cuota 481- redistribución propuesta ocasiona tensiones

19/09/18 - por Equipe BeefPoint A Comissão Europeia tentou sanar uma disputa de longa data com os Estados Unidos, solicitando autorização de ministros da União Europeia (UE) para abrir negociações sobre a redistribuição de cotas para carne bovina livre de hormônios importada em países europeus.

Em conversa com o GlobalMeatNews, o secretário-geral do Sindicato Europeu de Pecuária e Carnes (UECBV), Jean-Luc Mériaux disse que apoia as tarefas e cria "um consenso para consolidar os fluxos de comércio".

O que está em jogo é o futuro acesso aos mercados de carne bovina da UE – um memorando de entendimento de dez anos atrás entre Bruxelas e Washington levou a UE a abrir uma cota de importação de 45 mil toneladas de carne livre de hormônios proveniente de fornecedores qualificados.

Mas o comércio de carne bovina vem se desenvolvendo desde então, com outros países interessados em fornecer à Europa. E como a TRQ (cota sujeita à tarifa) era de fato aberta a qualquer fornecedor de carne bovina de qualquer país que estivesse em conformidade com os requisitos de importação e padrões de qualidade da UE, "outros países aumentaram sua participação no uso da cota às custas do EUA", lembrou Mériaux.

De fato, no ano passado (2017), pouco mais de 16.000 toneladas de carne bovina in natura foram importadas de fornecedores americanos para países da UE, no valor de quase 182 milhões de euros (US\$ 212,62 milhões), segundo estatísticas da agência Eurostat. O maior importador foi a Holanda, para a qual os EUA exportaram carne bovina no valor de quase 131 milhões de euros (US\$ 153 milhões) naquele ano.

Os EUA têm pressionado contra o que consideram acesso restrito e, portanto, as negociações estão sendo realizadas. E embora a Comissão tenha destacado que qualquer acordo cumprirá as regras da Organização Mundial do Comércio (OMC), grandes fornecedores de carne bovina, como Austrália, Argentina e Uruguai, disseram à UE que estão preocupados com o resultado das negociações.

O secretário-geral da UECBV espera opiniões preliminares negativas de outros exportadores. Ele disse: "Esses países entenderão quais serão as opções e seus interesses comerciais: ou manter um fluxo de comércio em um nível mais baixo comparado com os anos anteriores, mas ainda maior em comparação à situação anterior ao MoU, ou perder totalmente o fluxo comercial."

No âmbito do atual plano elaborado pela Comissão, as cotas sujeitas a tarifas aplicáveis à carne bovina sem hormônios não seriam aumentadas, mas sim divididas em duas – tendo uma inteiramente atribuída aos EUA e outra a todos os outros países fornecedores. Por enquanto, as quantidades das sub-cotas permanecem obscuras e serão acordadas no processo de negociação, explicou o chefe da UECBV.

A revisão da cota de carne livre de hormônios, no entanto, não vai influenciar as relações comerciais de outros produtos entre a UE e os EUA, ressaltou a Comissão, notadamente a carne bovina tratada com hormônios, que continua proibida na UE.

"A referida cota continuará a abranger apenas produtos que cumpram as normas europeias de segurança alimentar e saúde, neste caso apenas a carne não tratada com hormônios", afirmou o Comissário da Agricultura e Desenvolvimento Rural da UE, Phil Hogan, ao solicitar o mandato de negociação no início deste mês (3 Setembro).

Fonte: GlobalMeatNews.com, traduzida e adaptada pela Equipe BeefPoint.

Resultados positivos después de un año del cierre del Acuerdo UE – Canadá (CETA)

European Commission - Press release Brussels, 20 September 2018

Friday 21 September will mark the first anniversary of the provisional entry into force of the Comprehensive Economic and Trade Agreement (CETA) between the EU and Canada.

Early signs show that the agreement is already starting to deliver for EU exporters. Commissioner Malmström will visit Canada on 26 and 27 September to take stock of progress.



Whilst in Montreal, the Commissioner will meet with Minister of International Trade Diversification, James Gordon Carr. She will attend the first EU-Canada Joint Committee on 26 September, which is the highest body for the two partners to discuss issues of interest related to the agreement. She will also visit several European and Canadian companies, discuss with company representatives who are already making use of the agreement, and speak at the Université de Montréal on 27 September.

Commissioner for Trade Cecilia Malmström said: "The EU-Canada trade agreement has now been in action for a year and I'm pleased with the progress made so far. The preliminary data shows there is plenty to celebrate, even at this stage. Exports are up overall and many sectors have seen impressive increases. This is great news for European businesses, big and small. As ever with these agreements, there are certain areas where we have to make sure that we thoroughly implement what has been agreed, making sure that citizens and companies can fully benefit from the new opportunities. This is something I intend to discuss with my Canadian counterparts at the Joint Committee next week. I'm happy to say that our partnership with Canada is stronger than ever – strategically as well as economically. Together, we are standing up for an open and rules-based international trading order. CETA is a clear demonstration of that."

Early days but positive trends

In addition to removing virtually all customs duties, CETA has given a boost to the business climate between the EU and Canada, offering valuable legal certainty for EU companies looking to export. Although it is too early to draw any firm conclusions, the initial trade results are pointing in the right direction. Across the EU, the latest statistics available, covering the October 2017 to June 2018 period, suggest that exports are up by over 7% year on year.

Of these, certain sectors are doing especially well. Machinery and mechanical appliances, which make up one fifth of EU exports to Canada, are up by over 8%. Pharmaceuticals, which account for 10% of the EU exports to Canada and are up by 10%. Other important EU exports are also on the rise: furniture by 10%, perfumes/cosmetics by 11%, footwear by 8% and clothing by 11%.

In terms of agricultural products, there are also some encouraging figures: exports of fruit and nuts increased by 29%, chocolate by 34%, sparkling wine by 11% and whisky by 5%.

Companies that are already benefitting from CETA in different ways include, for example:

The consortium of Italian San Daniele ham producers increased its sales to Canada by 35%. Exports of Italian agricultural products to Canada are up by 7.4% overall.

Belgian chocolate company Smet Chocolaterie that has just opened their first shop in Ontario, Canada, to cope with extra demand for their products; thanks to scrapping of 15% import duties their sales increased by a fifth compared to year ago. European exports of chocolate to Canada are up 34% overall.

Spanish company Hiperbaric making innovative machines for preserving food using high pressure. Thanks to CETA, it is easier for their workers to enter Canada temporarily to install and maintain their equipment.

Company examples from Belgium, Estonia, Finland, France, Ireland, Italy, The Netherlands, Spain, and Sweden are available here.

Background

CETA offers new opportunities for EU businesses of all sizes to export to Canada. The agreement eliminated tariffs on 98% of products that the EU trades with Canada. This amounts to approximately €590 million in saved duties per year once all the tariff reductions kick in. It also gives EU companies the best access ever offered to companies from outside Canada to bid on the country's public procurement contracts - not just at the federal level but at provincial and municipal levels, too.

CETA creates new opportunities for European farmers and food producers, while fully protecting the EU's sensitive sectors. The agreement now means that 143 EU high quality food and drink products (the "geographical indications") can now be sold under their own name in Canada and are protected from imitation.

The agreement also offers better conditions for services' suppliers, greater mobility for company employees, and a framework to enable the mutual recognition of professional qualifications, from architects to crane operators.

CETA has been provisionally in force since 21 September 2017 following its approval by EU Member States, expressed in the Council, and by the European Parliament. It will only enter into force fully and definitively, however, when all EU Member States have ratified the agreement.

The EU has 39 trade agreements with 69 countries in place. The latest agreement concluded by the EU is with Japan. The EU's trade agreements have been proven to spur European growth and jobs. One example is the EU-South Korea trade deal. Since it entered into force in 2011, EU exports to South Korea have increased by more than 55%, exports of certain agricultural products have risen by 70%, EU car sales in South Korea have tripled and the trade deficit turned into a surplus. 31 million jobs in Europe depend on exports. On average, each additional €1 billion of exports supports 14 000 jobs in the EU.



ESTADOS UNIDOS

Cambios en la cuota UE amplían posibilidades para el acceso de EE.UU.

USMEF September 11, 2018 There is excellent opportunities to grow U.S. beef exports to the European Union, if regulations change. (Drovers)

The European Commission recently announced in a news release that it intends to discuss with the United States a review of the functioning of the European Union's duty-free high-quality beef quota. The Commission suggests that part of the existing 45,000 metric ton (mt) quota that is also available to exporters from other countries be allocated to the U.S. in a manner that is consistent with World Trade Organization (WTO) requirements. U.S. Meat Export Federation (USMEF) Economist Erin Borrer explains, in the audio report above, that because of aggressive growth from other suppliers (mainly Argentina and Uruguay), the duty-free quota lacks sufficient capacity for meeting Europe's current level of demand for U.S. beef. The quota's 11,250 mt quarterly allocations are fully utilized within the first two weeks of opening, meaning U.S. beef can only enter the EU at zero duty during the first few days of each quarter, creating tremendous challenges for U.S. exporters and European importers.

Borrer notes that while the Commission's announcement is a very encouraging development, it is only the first of several necessary steps remaining to reach agreement on how the quota will be administered in the future. But if proper changes to the quota can be negotiated, she projects excellent growth opportunities for U.S. beef exports to Europe.

Exportaciones de carnes fuerte crecimiento en julio

10 September 2018

US - July was another successful beef and veal export month, adding 17 per cent to July 2017's export number and is the 6th month out of 7 posting double digit percentage volume gains in 2018, reports Steiner Consulting Group, DLR Division, Inc.

Year to date the US has exported 236 million pounds more beef and veal than last year, which is about 15 per cent ahead of 2017's.

South Korea continued to be a powerhouse purchaser of US beef and veal, July data showed another big gain, 61 per cent ahead of last year, bringing the year to date figure to 113 million pounds of additional beef and veal compared to last year.

Sales to Taiwan were strong in July, up 46 per cent from last year, followed by Vietnam, up 20 per cent, Mexico up 17 per cent and Japan up 13 per cent. Nearly all the top US destinations continue to post large year to date gains.

However, the current US market tonnage has not been the only story this year. The US has shipped to more destinations in 2018. In 2017 the average number of destinations per month was 87.5 compared to 89.4 through the first 7 months of 2018.

Imported beef and veal have taken a different turn. July data posted a 2 per cent decline year-over-year. Australia and Mexico were notably down, 7 per cent and 15 per cent respectively. Imports were up from Brazil by 24 per cent and Uruguay by 12 per cent.

Year to date import figures show the US has bought just over 9 million more pounds of product. Canada and New Zealand are leading on a tonnage basis, with over 30 million pound gains from each. Nicaragua is up 10 million pounds, and shows the largest percentage gain up 14 per cent.

One trend consistent with the export side is the number of countries the US is trading with is expanding. Last year the monthly average number of countries of origin was 14.4 while this year the US has bought on a monthly average from 15.6 countries.

Canada, Australia, and New Zealand typically fall in the top three of origins the US purchase beef and veal products. USDA FAS also released in the last week annual summaries via GAIN reports for both Australia and New Zealand that give some context to the supply situation in those countries. Australia continues to face challenges in rebuilding their herd because of extreme drought in the largest two cattle producing states. Earlier this year, Australian cattle on feed numbers hit record highs, as cattle were forced off pasture and into feedlots. Slaughter rates have also been higher this year, induced by drought related liquidation.

Expectations are that the Australian cattle herd will continue to decline in 2019, as producers face higher feed costs, and have had to ship many breeding animals to slaughter. This will, in turn, lead to lower slaughter rates in 2019, and decrease Australian exports.

The GAIN report notes that product shipped to the US is primarily beef used to make burgers and other products in the foodservice sector. For those interested in the full report it's available here.

New Zealand's GAIN report also has some insights to the growing beef production, which is estimated to be above 2017 by 3 per cent. Over the last three years, the report notes farmers have shifted to beef production and away from sheep production because of profitability.



New Zealand is expected to have slightly smaller production in 2019 as the cow and bull kill slows. Exports are expected to grow in 2019. Chilled beef shipped to China began in July of 2017 and has since expanded.

Year to date shipments to China are up 9 per cent in chilled beef, but the report notes this has not impeded shipments to the U.S., New Zealand's largest buyer.

USTR dispone nueva lista de derechos retaliatorios sobre productos procedentes de CHINA

WASHINGTON – The US Trade Representative (USTR) on Sept. 17 unveiled a list of approximately \$200 billion worth of Chinese imports that will be subject to additional tariffs. In accordance with the direction of President Donald Trump, the additional tariffs will take effect Sept. 24 and initially will be in the amount of 10 percent. The level of the additional tariffs will increase to 25 percent on Jan. 1, 2019, the USTR said.

The list contains 5,745 full or partial lines of the original 6,031 tariff lines that were on a proposed list of Chinese imports announced on July 10. The USTR said changes to the proposed list were made after USTR and the interagency Section 301 Committee sought and received comments over a six-week period and testimony during a six-day public hearing in August.

“We are taking this action today as a result of the Section 301 process that the USTR has been leading for more than 12 months,” Trump said. “After a thorough study, the USTR concluded that China is engaged in numerous unfair policies and practices relating to United States technology and intellectual property — such as forcing United States companies to transfer technology to Chinese counterparts. These practices plainly constitute a grave threat to the long-term health and prosperity of the United States economy.”

Trump said if China takes any retaliatory actions against US farmers or other industries the United States will look to impose tariffs on approximately \$267 billion of additional imports.

“As president, it is my duty to protect the interests of working men and women, farmers, ranchers, businesses and our country itself,” he said. “My administration will not remain idle when those interests are under attack.

“China has had many opportunities to fully address our concerns. Once again, I urge China's leaders to take swift action to end their country's unfair trade practices. Hopefully, this trade situation will be resolved, in the end, by myself and President Xi of China, for whom I have great respect and affection.”

In response to the tariffs, the Chinese Ministry of Commerce on Sept. 18 said it would levy tariffs of between 5 percent and 10 percent on \$60 billion in US goods.

Cueros bovinos afectados por la Guerra comercial con CHINA

Bloomberg September 18, 2018 Tariffs against American cattle hides were included in Tuesday's \$60 billion hit list as China struck back against the Trump administration. (Drovers)

Tariffs against American cattle hides were included in Tuesday's \$60 billion hit list as China struck back against the Trump administration. The duties come at a time when prices for hides, a proxy for finished leather, had already been tumbling thanks to a supply glut.

A bulging U.S. cattle herd along with record demand for beef means that more cows are making their way to slaughter, leaving behind a glut of hides, said Don Ohsman, editor-in-chief of Hidenet, which reports on leather markets. The byproduct of beef production can sometimes be used to bolster profits for farmers and meatpackers.

As supply grows, demand has been declining from China, the world's largest hide importer. In the Asian country, the leather industry is facing stiffer competition from synthetic materials, rising labor costs, tighter environmental regulations and industry consolidation, a unit of the U.S. Department of Agriculture said in a report posted to its website this week.

The trade war is “depressing an already weak market,” Ohsman said.

VARIOS

AUSTRALIA: aumentan las exportaciones de carnes y animales en pie en 2017/18

12 September 2018

In the year ending June 2018, Australian red meat, offal and livestock exports reached A\$13.78 billion, up 13% year-on-year and largely underpinned by an increase in cattle turn-off and higher smallstock prices.

Beef export value failed to surpass the drought years of 2014–2016 but was the third highest financial year on record at A\$7.96 billion. With lamb prices smashing records in recent months, lamb exports reached a record A\$2.27 billion, and mutton followed suit at A\$1.02 billion.

Combined sheep and beef offal exports broke records at A\$778 million while live cattle and sheep exports accounted for significant portions, at A\$1.268 billion and A\$259 million respectively.



Japan, the US, Korea and China continued to underpin the value of beef exports, with the four largest markets accounting for 75% of export value. Similarly, the Middle East and North Africa (MENA), the US and China accounted for 66% of sheepmeat export value.

Live cattle exports remain focused on Southeast Asia, reflecting the level of development across key markets and proximity to northern Australia, while sheep exports remain concentrated in MENA, underpinned by demand for religious slaughter.

IRAN importaciones de carnes bovinas crecen un 7 por ciento

10 September 2018 - Latest statistics from the Islamic Republic of Iran Customs Administration (IRICA) show that 42,925 tons of frozen beef, valued at about \$183.184 million, were imported in the the first five months of the current Iranian calendar year, indicating a 3.93 per cent and a 6.78 per cent hike in terms of weight and value.

Mehr News Agency reports that last year, the figures stood at 41,302 tons, accounting for 0.28 per cent of the country's total imports.

The imports value of this product among the total imported products in 2017 stood at \$171.548 million, accounting for 0.82 per cent.

Accordingly, statistics show that imports of frozen beef in the first five months of the current Iranian fiscal year (March 21-August 21) has hit 3.93 and 6.78 per cent increase in terms of weight and value as compared to the same period last year.

CHINA: confirmó foco de AFTOSA

September 14, 2018 China Ministry of Agriculture has reported an outbreak of FMD.

China's Ministry of Agriculture reported an outbreak on Friday of foot-and-mouth disease in a herd of cattle. According to a Reuters report, the cattle had been transported to the Xinjiang region from Gansu province.

The suspected outbreak was discovered on Sept. 6, and confirmed the diagnosis of the O-type strain of the disease on Sept. 14. The local government in Xinjiang then culled 47 cattle following the outbreak. The outbreak is now under control, the ministry said.

This is the eighth case of the O-type strain found in livestock in China this year. In August, China culled 173 pigs due to FMD.

EMPRESARIAS

Minerva incrementará el capital en R\$ 1.100 millones

12/09/18 - por Equipe BeefPoint A Minerva Foods, maior exportadora de carne bovina da América do Sul, anunciou ontem que fará um aumento de capital superior a R\$ 1 bilhão na B3 e, procurada pelo Valor, garantiu que também mantém firmes os planos de realizar um IPO de suas operações internacionais na bolsa do Chile – por meio do qual, segundo estimativas de mercado, espera arrecadar entre R\$ 1 bilhão e R\$ 1,5 bilhão.

Com as duas operações, a companhia espera reduzir seu índice de alavancagem – que cresceu para além de 5 vezes em parte graças à aquisições recentes -, aumentar o pagamento de dividendos e “destravar” seu valor de mercado, que atualmente é um pouco menor do que na abertura de capital na bolsa brasileira, em 2007. Naquele momento, eram R\$ 1,44 bilhão, ante R\$ 1,29 bilhão ontem, após uma queda das ações neste ano próxima a 46%.

Em fato relevante, a Minerva informou que o aumento de capital prevê um bônus de subscrição adicional válido por três anos a partir da data da emissão. Os acionistas terão direito de preferência na subscrição na proporção de suas participações, e caso ações não sejam subscritas, os atuais controladores garantirão toda a capitalização, que totaliza 165 milhões de novas ações ordinárias – equivale a uma diluição de 74%. Ontem, os papéis da empresa fecharam a R\$ 5,77.

Caso não haja interesse dos minoritários e os controladores tiverem que garantir o aumento de capital, a maior parte da tarefa caberá ao fundo saudita Salic, que já tem hoje participação de 21,4% no capital da empresa. A família Vilela de Queiroz, via VDQ Holdings, detém 28,2%.

Nesse caso, explicaram fontes familiarizadas com a operação, a Minerva terá que aprovar em assembleia uma mudança no limite da pílula de veneno em seu estatuto social, pois a fatia da Salic poderá crescer para 33,34% -que será o novo teto estatutário. Hoje, a pílula de veneno dispara com percentual de 20%. De qualquer forma, o controle continuará sendo exercido pela a família fundadora, que tem cinco de dez assentos no conselho pelo acordo de acionistas.

Em função do bônus de subscrição da operação, haverá um mercado secundário de um novo papel de Minerva na B3. Assim, além das ações da companhia, serão negociados na bolsa os direitos de subscrição, uma espécie de opção de compra de ações a R\$ 6,42 em um prazo de até três anos. Esse mercado secundário criará oportunidade para que um novo investidor ou os grandes acionistas da



companhia comprem essas opções. Para a Minerva, o bônus representa a possibilidade de dobrar a capitalização anunciada.

O conselho de administração da companhia já aprovou ontem a proposta de redação para a nova pílula de veneno, a ser submetida a assembleia de acionistas. Na prática, ela cria oportunidade de a Salic ampliar sua participação no negócio, para além até mesmo do novo limite estatutário, por meio do bônus de subscrição. Isso porque a oferta ao mercado não será disparada se o teto de 33,34% de participação for superado como resultado da subscrição de bônus “emitidos como vantagem adicional de aumento de capital”. No limite, se comprar sozinha todos os bônus, a Salic poderá se transformar em controladora, com mais de 50%.

Paralelamente, a Minerva continua a traçar os planos para a abertura das operações internacionais. A ideia é que os ativos fora do Brasil – incluindo fábricas na Argentina, no Paraguai, no Uruguai e na Colômbia – fiquem sob o guarda-chuva da subsidiária Athena Foods, cuja avaliação de mercado poderá superar R\$ 4 bilhões, conforme estimativas. O faturamento anual das operações internacionais da Minerva, fortalecida após a aquisição de frigoríficos que eram da JBS, chega a cerca de R\$ 6 bilhões, ou 40% da receita total.

Un fondo de inversión saudí será el mayor accionista de Minerva Foods

17/09/2018 - La empresa cárnica lograría financiarse con algo más de 1.000 millones de reales.

La compañía Minerva Foods, una de las principales firmas cárnicas de Brasil con propiedades en varios países de Sudamérica, realizará una ampliación de capitales que será cubierta por los propios accionistas de la empresa.

De esta forma, el fondo de inversión Saudi Agriculture and Livestock Investment (Salic) se convertirá en su mayor accionista llegando a tener el 33,3% de la empresa y pudiendo alcanzar el 42% en 3 años, informa Valor Económico.

La familia Vilela de Queiroz, fundadora de la empresa y hasta ahora la máxima accionista, no tiene pensado ir más allá del 28,2% de la compañía.

Con esta operación, Minerva Foods lograría financiarse con algo más de 1.000 millones de reales y con la oferta de acciones realizada en Chile, para sus operaciones fuera de Brasil, podría llegar hasta los 1.500 millones de reales.

La firma cárnica finalizó el primer semestre del año con una deuda de 11.000 millones de reales y 4.000 millones en caja. La devaluación del real frente al dólar está afectando seriamente a su deuda ya que buena parte de esta es en dólares.

Hasta junio del próximo año debe afrontar el pago de 2.700 millones de reales y el alza continua del dólar frente al real brasileño está afectando seriamente su estabilidad económica.

Ejecutivos de National Beef viajan a Uruguay a visitar frigoríficos

18/09/2018 - Marfrig adquirió el 51% de la participación en National Beef.

Esta semana una comitiva de cuatro ejecutivos de la estadounidense National Beef desembarcó en San Paulo para realizar una serie de visitas a las operaciones de Marfrig en sus unidades de América del Sur.

La visita del grupo, liderado por el CEO Tim Klein, marca el avance en el proceso de integración de las operaciones América del Sur y América del Norte del grupo Marfrig, una de las mayores productoras de carne del mundo con presencia en más de 100 países.

En abril del año en curso, la empresa adquirió el 51% de participación en National Beef, la cuarta mayor empresa de carne bovina de Estados Unidos. En agosto, anunció la organización de sus negocios en dos grandes operaciones: América del Sur, comprendiendo Brasil, Uruguay, Argentina y Chile, y América del Norte, que incluye a National Beef.

Acompañados por Marcos Molina, presidente del Consejo de Administración de la compañía; Eduardo Miron, presidente ejecutivo de Marfrig Global Foods; y Miguel Gularte, CEO de la operación América del Sur; Klein y sus ejecutivos visitarán las unidades de Itupeva, interior de São Paulo; Bataguassu, Mato Grosso; Pampeano, Rio Grande do Sul y Tacuarembó, en Uruguay.

El grupo cuenta en Uruguay con cuatro frigoríficos habilitados para exportar a los principales mercados mundiales.

Lanzan sello de calidad de raza Nelore do Golias

19/09/18 - por Equipe BeefPoint

A Associação dos Criadores de Nelore do Brasil (ACNB) certificou, no início de setembro, a primeira marca de carne Nelore do seu novo programa de qualidade, oficializado pela Plataforma de Qualidade da Confederação de Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), de acordo com as normas do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). A carne Nelore do Golias, do criatório do mesmo nome, é produzida de acordo com os padrões pré-estabelecidos, sob supervisão da ACNB.



“Essa certificação é mais uma iniciativa da ACNB visando a promoção e a valorização da carne Nelore. Nosso objetivo é apoiar e dar visibilidade aos projetos de qualidade da carne de animais da raça já existentes no país, além de incentivar a criação de novas iniciativas. O Nelore do Golias foi o primeiro projeto pecuário certificado por este novo selo e outros serão avaliados. Há mais de 15 anos trabalhamos na certificação, com o Programa de Qualidade Nelore Natural, em parceria com a Marfrig Global Foods, projeto que, inclusive, está em expansão.

Também com a Marfrig estudamos a viabilidade de certificação de determinadas linhas de produtos com este novo selo. Com isso, chancelamos produtos diferenciados, que contribuem para fortalecer a oferta de carne nobre, que agrada ao paladar e atende aos consumidores mais exigentes”, explica Nabih Amin El Aouar, presidente da Associação dos Criadores de Nelore do Brasil.

O abate e desossa do primeiro lote de carne Nelore do Golias com o selo da ACNB foram realizados na unidade da Frigol, em Lençóis Paulista (SP). O lote teve 43 fêmeas Nelore. A supervisão foi do especialista Roberto Barcellos, para quem os cortes apresentaram “excelente acabamento de gordura e peso, com cortes de escore surpreendente em termos de marmoreio (gordura entremeada), mostrando mais uma vez que o Nelore possui capacidade de produzir uma carne diferenciada, também no que diz respeito a marmoreio”, destacou Barcellos.

O lote de carne Nelore do Golias – incluindo picanha, fraldinha, alcatra, filé de costela, maminha, contrafilé com osso – foi comercializado em boutiques e casas de carnes especiais de São Paulo, Rio de Janeiro, Ribeirão Preto, Botucatu e Araçatuba.

Para Luciano Pascon, CEO da Frigol, a carne Nelore do Golias é mais um exemplo de que a raça Nelore tem totais condições de expandir e, muito, sua atuação neste nicho de mercado de alto valor agregado. “O Nelore é a base da nossa pecuária e do rebanho nacional. Além de estar presente na base genética de cruzamentos com outras raças para produção de carne superior, também tem qualidade própria”, afirma Pascon.

“Com o Programa Nelore Natural, o Circuito Nelore de Qualidade e, agora, o primeiro abate do Selo Garantia de Origem Nelore, estamos comprovando, na prática, que a partir da seleção genética, nutrição, sanidade e manejo a raça está se inserindo cada vez mais no nicho de mercado da carne premium, o que mais cresce no país. O trabalho desenvolvido pelo Nelore do Golias demonstra que o Nelore pode ter também marmoreio na carne – esta característica pode ser selecionada por criadores que tenham interesse em atender a este nicho de mercado. Estamos ingressando em uma nova fase, que contribuirá para a valorização da genética e da qualidade da carne Nelore no país”, ressalta André Locateli, gerente executivo da Associação dos Criadores de Nelore do Brasil.

Bill Gates financia el desarrollo de una nueva vacuna contra la AFTOSA

11/09/18 - por Equipe BeefPoint O Instituto Pirbright, do Reino Unido, anunciou que recebeu uma doação de 2,1 milhões de libras (2,7 milhões de dólares) da Fundação Bill e Melinda Gates para realizar pesquisas sobre uma nova vacina contra a febre aftosa.

Os cientistas investigarão as respostas dos anticorpos do gado desencadeados pela vacina, o que ajudará a melhorar suas propriedades protetoras, disse o instituto. A equipe também desenvolverá métodos baseados em laboratório para testar se a vacina é eficaz, para reduzir o número de estudos em animais.

A nova vacina é composta de partículas semelhantes a vírus (VLPs), que são invólucros externos modificados do vírus da febre aftosa que não contêm material genético. Pesquisas anteriores feitas por cientistas da Pirbright e seus colaboradores estabeleceram que as VLPs são capazes de proteger contra quatro tipos diferentes da doença.

As vacinas comerciais existentes são produzidas pelo crescimento de vírus infecciosos vivos, mas a vacina VLP é propagada em células de insetos, tornando as VLPs mais seguras para produzir e remove a exigência de instalações de alta contenção, de acordo com o instituto. As VLPs também foram projetadas para serem mais estáveis, facilitando o armazenamento da vacina.

O desenvolvimento de uma vacina eficaz e de baixo custo ajudará a resolver um grande déficit na disponibilidade de vacinas contra febre aftosa, particularmente na África, onde a doença tem um grande impacto no comércio nacional e internacional, segurança alimentar e saúde de humanos e animais, disse o instituto.